

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

A NOITE

DA IGUANA

TENNESSEE
WILLIAMS
ARTISTAS
UNIDOS

18 JAN
— 5 FEB
2017



teatro

18 jan-5 fev
estreia

A NOITE DA IGUANA

TENNESSEE WILLIAMS

ARTISTAS UNIDOS

Quarta a sábado, 21h

Domingo, 17h30

Sala Luis Miguel Cintra

€12-€15 (com descontos €5-€10,50)

Duração (aprox.): 2h30 (com intervalo)
m/14

**25 jan – Conversa com a equipa
artística após o espetáculo**



29 jan



29 jan

Outras apresentações:

No Teatro Nacional de São João

de 9 a 26 de Fevereiro de 2017

No Teatro Aveirense a 4 de Março de 2017

No Teatro Municipal de Almada

de 25 a 27 de Março de 2017

No Cine-Teatro Louletano

a 31 de Março de 2017

A Noite da Iguana é apresentada
por gentileza da Universidade do Sul,
Sewanee, Tennessee

O texto está editado pela Relógio d'Água
no volume *Doce Pássaro da Juventude*
e *Outras Peças* (2015)

Tradução:

Dulce Fernandes

Com

Nuno Lopes (Lawrence Shannon)

Maria João Luís (Maxine Faulk)

Joana Bárcia (Hannah Jelkes)

Isabel Muñoz Cardoso (Judith Fellowes)

Catarina Wallenstein (Charlotte Goodall)

Américo Silva (Nonno)

Pedro Carraca (Hank Proser)

Tiago Matias (Jake Latta)

João Meireles (Herr Fahrenkopf)

Ana Amaral (Frau Fahrenkopf)

Bruno Xavier (Wolfgang)

Vânia Rodrigues (Hilda)

Pedro Gabriel Marques (Pancho)

João Delgado (Pedro)

Cenografia e Figurinos:

Rita Lopes Alves

Luz:

Pedro Domingos

Som:

André Pires

Coordenação técnica:

João Cachulo

Assistência de encenação:

Nuno Gonçalo Rodrigues

Bernardo Alves

Estagiários:

António Guedes

Mariana Maurício

Produção:

João Meireles

Encenação:

Jorge Silva Melo

Coprodução: Artistas Unidos, Teatro Nacional

São João e São Luiz Teatro Municipal

ARTISTAS UNIDOS

ESTRUTURA FINANCIADA POR





**Foi uma aposta, é uma aposta.
E aqui estamos.**

Jorge Silva Melo

São tão extraordinários, tão dotados, tão livres, tão únicos os actores com quem há anos venho trabalhando uma, duas, só três ou quatro vezes, é tão extraordinária a liberdade e a integridade conseguidas nestes já mais de vinte anos dos Artistas Unidos. E estava a ver as rugas a surgir, os cabelos brancos a aparecer e pensei: não quero que estes actores a quem tudo devo, a vida, a arte, o amor, tudo, a vida de todos os dias, não quero que percam aqueles papéis que foram escritos para eles, não quero deixar passar o tempo, quero vê-los deciframos comigo as sinuosas peças de Tennessee

Williams, aqueles papéis que só agora podem fazer, agora que o doce pássaro da idade já vai voando.

E foi assim que nasceu esta ideia de voltar a Tennessee Williams, este vício, fazer quatro peças (*Gata em Telhado de Zinco Quente* em 2014, *Doce Pássaro da Juventude* em 2015, *Jardim Zoológico de Vidro* em 2016, *A Noite da Iguana* finalmente agora que o Ano é Novo), peças de outros tempos, de outros palcos, peças que saberei ajudar a fazer, peças que, garanto, foram escritas aguardando os seus corpos.

Pois só isso agora desejo: ajudar a fazer.

E que cada espectador possa guardar dentro de si a ousadia destes artistas cuja disponibilidade não sei se merecemos.

E cá estamos, de novo e novos, como se fôssemos uma companhia fixa, tivéssemos salas de ensaio, programássemos a bel-prazer horas e dias, temporadas e trabalhos. E eu encanto-me ao vê-los, actores a des-taparem dentro de si inesperadas personagens, máscaras, poesias. E de novo nos juntámos, para a alegria de inventar para vós, mas inventar de novo, como se os ensaios fossem o nosso *Thanksgiving*, e assim vivemos, de vez em quando juntos à volta de uma enorme mesa (com Perú?). E os anos seguem-se, há anos andamos nisto, a vida continua, e àqueles todos com quem fizemos as outras peças, juntam-se agora o Nuno Lopes, encontro terno que temos vindo a adiar entre abraços e palmas, o Bruno Xavier que connosco começa, a Ana Amaral que volta. E volta, finalmente, a Joana Bárcia, actriz única que uma tarde, há vinte e três anos, o João Pedro Rodrigues (obrigado, rapaz!) descobriu na sua Avenida dos Estados Unidos da América.

Voltamos. Pois se até o carrinho de chá nos acompanha, entrou em todas peças.

E pronto, vamos fazer teatro.

E vamos dar a ouvir este poeta agora nosso tão íntimo, Tennessee Williams, febril, inseguro. Nesta *Noite da Iguana*, a peça que ele anunciou ser a derradeira, carregada de símbolos entre vida, prisão e morte, sexo e libertação, álcool e sol, sexo e pecado. Que colina é esta onde está o Costa Verde? Colina da Morte? Colina da Paz? Que repouso se procura aqui, na época morta? Porque chegam cansados os que sobem a colina? "Já alguma vez ajudou um homem de cadeira de rodas

colina acima?" pergunta Hannah. "Nem colina abaixo".

Ah, pode ser que viver seja isso: ajudar.

E será possível devolver ao teatro aquilo que aparentemente o cinema fixou? Será possível voltar a Puerto Barrio sem os cactos a preto e branco de Gabriel Figueiroa, os charutos de Huston e as bebedeiras de Ava Gardner e do Burton? Sim, já foi possível ver outra vez e de novo a Catarina Wallenstein, o Rúben Gomes, a Isabel Muñoz Cardoso, a Vânia Rodrigues, o Tiago Matias, o João Vaz, o João Meireles, a Maria João Luís, o Nuno Pardal, o Mauro Hermínio, o Rui Rebelo, o Pedro Carraca, o Eugénio Ilco, o João Estima, o Simon Frankel, a Alexandra Pato, a Mia Tomé, o André Loubet, o Rafael Barreto, a Margarida Correia, a Inês Laranjeira, o Nuno Gonçalo Rodrigues, o Francisco Lobo Faria, o João Delgado, o Tiago Filipe, o João Pedro Mamede, o José Mata e ouvi-los falar mesmo de nós, dos nossos medos, do tal "tempo que passa por cima de nós", conseguimos.

Há seis anos, quando começámos perguntávamos: será possível voltar a pôr no palco estes dilemas, esta ansiedade, esta sofreguidão?

Olha, foi uma aposta. Foi possível.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.



Outra coisa decente
sobre mim é a
minha tolerância
e o meu amor pelas
pessoas e a minha
ternura para com
elas. Penso tê-las
adquirido através
do sofrimento
e da solidão.

Tennessee Williams
diário não-publicado

Uma escura noite da alma

Para Williams, *A Noite da Iguana* é mais "um poema dramático que uma peça (e por isso)": "Alguns críticos ressentem-se com os meus símbolos, mas o que seria de mim sem eles?" ... E aqui temos um hotelzinho no México, onde chega, febril, um ex-sacerdote agora guia turístico. Tal como a iguana amarrada na varanda, sente-se "no fim da corda", mas "tenta seguir em frente, continuar". Passando por uma escura noite da alma, anseia não por uma união mística mas apenas por comunhão humana. Williams acreditava que em Shannon "estava a criar uma personagem equivalente, em homem, a Blanche DuBois," que procurava um indivíduo ou uma comunidade que a aceitasse e protegesse. O problema de Shannon foi sempre uma obsessão com as trevas e com o mal, um excesso de culpa, uma incapacidade de se perdoar

ou acreditar em si mesmo. A sua vida é um ciclo de fraqueza, pecado, culpa e orações a um "senil delinquente", "zangado, petulante e velho" Deus de vingança "que culpa o mundo e castiga brutalmente tudo o que criou pelos seus próprios erros", em vez de ser o Bom Pastor, que guia as suas criaturas por "águas calmas". Como o próprio Williams disse, "A Noite da Iguana é uma peça sobre como viver para lá do desespero e mesmo assim ainda viver."

Thomas P. Adler, in *The Cambridge Companion to Tennessee Williams*

Num artigo que publicou pouco antes da estreia de *A Noite da Iguana*, afirmou que foi na sua viagem ao México em 1940 que se baseou para a peça e explicou que durante esse Verão tinha "descoberto que era a vida que eu realmente ansiava, mas que tudo o que é mais valioso na vida é escapar do exíguo cubículo de si mesmo para uma espécie de varanda entre o céu e a água calma da praia (alegoricamente falando) e para uma cama de rede ao lado de outro ser sitiado, outro alguém que está exilado do espaço e tempo da satisfação do seu coração". Williams referia-se à sua experiência no Hotel de Costa Verde, onde chegou em Setembro de 1940 após uma longa viagem de autocarro desde a Cidade do México durante a qual sofreu de arrepios, febre e palpitações. Na sua opinião, "foi um período desesperado da minha vida, mas é durante esses tempos que estamos mais vivos e são os tempos que recordamos mais vividamente e um escritor retira de períodos vívidos e desesperados da vida o mais necessário impulso ou energia para o trabalho, que é a transmutação da experiência numa significativa peça de criação, tal como uma ostra transforma, ou cobre, o grão irritante de areia na sua casca numa pérola, branca ou preta, de menor ou maior valor". No seu diário, pouco depois de

chegar ao Costa Verde em Setembro de 1940, escreveu, "este é o período depois do coração partido, mergulhado numa mente que já não se preocupa com a existência, desesperada por continuar, sobreviver, lutar." Confessou que "a vida é mera resistência. Não consigo descansar. Não consigo ficar quieto. Mas nenhuma actividade me distrai, nem mesmo nadar", acreditando "nunca, nunca em toda a minha vida saberei o significado da paz". Foi nesse verão que escreveu o conto *A Noite da Iguana* (trad. José Agostinho Baptista, editado pela Assírio e Alvim.) e formou a base das quatro personagens principais que viria a criar vinte anos depois, Shannon, Hannah, "Nonno" e Maxine. As suas acções dramatizam os temas principais do trabalho de Williams nos 20 anos que se seguiram à viagem ao México: a procura de Deus; os valores que guiam as relações entre as pessoas; a luta com o desejo sexual e as convulsões psíquicas; o derradeiro panorama do envelhecimento e da morte.

Brenda Murphy, *The Theatre of Tennessee Williams*



Tennessee Williams (1911-1983) nasceu em Columbus, Mississippi. Começou a escrever quando a família se mudou para St. Louis, Missouri. Em 1944, *Jardim Zoológico de Vidro* obtém enorme sucesso e vence o Prémio da Crítica em Nova Iorque. *Um Eléctrico Chamado Desejo* (1947) marca o início da sua longa relação com Elia Kazan, que dirigiu o espetáculo e veio a realizar o filme. No final dos anos 40, Williams começou a passar muitas vezes o verão na Europa, mudando muitas vezes de cidade. "Apenas as mudanças radicais podem inverter o caminho descendente do meu espírito, pessoas ou locais novos e surpreendentes que impeçam a deriva, a queda.", escreveu.

Entre 1948 e 1959, teve sete peças estreadas na Broadway: *Verão e Fumo* (1948), *A Rosa Tatuada* (1951), *Camino Real* (1953), *Gata em Telhado de Zinco*

Quente (1955), *O Homem da Pele de Serpente* (1957), *Garden District* (1958) e *Doce Pássaro da Juventude* (1959). Em 1959, venceu dois Pulitzer, três Prémios da Crítica de Nova Iorque, três Donaldson e um Tony. O seu trabalho atingiu fama mundial no princípio dos anos 50 com as versões cinematográficas de *Jardim Zoológico de Vidro* e *Um Eléctrico Chamado Desejo* e, mais tarde, *Gata em Telhado de Zinco Quente*, *A Rosa Tatuada*, *O Homem da Pele de Serpente*, *A Noite da Iguana*, *Bruscamente no Verão Passado*, *Doce Pássaro da Juventude*, *Fumo de Verão*, *O Comboio da Madrugada*, realizadas por realizadores como Kazan, Mankiewicz, Brooks, Losey, Sidney Polack, Alan Pakula, Paul Newman, Peter Glenville, John Huston.

Os anos 60 e 70 são marcados pelo caos na sua vida pessoal e por sucessivos fracassos no teatro. Embora tenha conti-

nuado a escrever todos os dias, a qualidade do seu trabalho sofreu com o consumo de álcool e drogas. Consumido pela depressão depois da morte do seu companheiro Frank Merlo, Williams entrou numa curva descendente. *Kingdom of Earth* (1967), *Num Bar de Hotel em Tóquio* (1969), *Small Craft Warnings* (1973), *Peça Para Duas Personagens* (também chamada *Out Cry*, 1973), *The Red Devil Battery Sign* (1976), *Vieux Carrè* (1978), *Clothes for a Summer Hotel* (1980) foram fracassos de bilheteira e as críticas negativas foram-no destruindo. A última peça, *Casa para Demolição*, foi estreada em Chicago, em 1982 e, apesar das críticas positivas, teve curtíssima carreira.

Tanto os críticos como o público podem não ter conseguido perceber o novo estilo de escrita que Williams desenvolveu, ele que nos anos finais disse: "Tenho trabalhado loucamente desde 1969 para fazer um regresso artístico... só a morte me pode aliviar".

O encantamento da crítica por Williams, estava a terminar. Disse mesmo que estava a pensar desistir da Broadway onde "o dramaturgo tem sempre de ter um êxito, como se fizesse um passe num jogo de futebol. Já não quero ter todo o dinheiro sobre as minhas costas. Há muito menos tensão fora da Broadway". Teatros fora da Broadway, regionais e estrangeiros, tornar-se-iam rapidamente nos únicos disponíveis para receber Williams.

A Noite da Iguana foi estreada como uma longa peça de um único acto no Festival de Spoleto em julho de 1959. Revisões posteriores incluíram partes da sua viagem de três meses à Ásia no outono de 1959, durante a qual conheceu um guia turístico Australiano de quem tirou "muito material". A estreia da peça completa foi em agosto de 1960 no Coconut Grove Theatre em Miami, encenada por Corsaro e produzida por Charles Bowden e Violla Rubber. Com muitas revisões, esta foi a produção que chegou à Broadway em 28 de dezembro de 1961, depois de uma dura digressão durante a qual "reescrevia furiosamente, entregando um texto novo todos os dias por volta do meio-dia". De acordo com Margaret Leighton (que criou Hannah), "a porção de texto que foi reescrita, alterada, substituída, retirada ou repostada, poderia ter dado outra peça. Costumávamos ir para o teatro à tarde trabalhar nas alterações que eram metidas na récita dessa noite. Isto aconteceu durante oito semanas, e ele estava lá a cada minuto.". O elenco era constituído por Bette Davis (Maxine), Margaret Leighton (Hannah), Patrick O'Neal (Shannon), Alan Webb (Nonno). Os problemas avolumaram-se com Bette Davis que acabou por abandonar a produção sendo substituída em abril por Shelley Winters. Em 1964, John Huston veio a realizar o seu filme, com Richard Burton, Ava Gardner, Deborah Kerr, Margaret Leighton, Sue Lyon, na que foi a derradeira das grandes produções a partir das peças de Tennessee Williams. Em Portugal, foi publicada uma tradução de Idalina Pina Amaro em 1965 (Europa-América), tendo a sua representação sido proibida pela Censura. A presente tradução foi estreada em 2007 pelo Teatro do Bolhão, com encenação de João Paulo Costa e interpretação de António Capelo, Estrela Novais, José Pinto, Sandra Salomé, Romi Soares, Carlos Peixoto, Nídia Fonseca, Silvano Magalhães, Pedro Damião e Hélio Sequeira.

Biografias

Nuno Lopes estreia-se em 1997, em *Sete Infantes* no Teatro da Cornucópia. Trabalhou com encenadores como Luís Miguel Cintra, Rodrigo Garcia, António Pires, Miguel Seabra, Brigitte Jacques, Luís Osório, Christine Laurent, Marco Martins, Tiago Guedes e Beatriz Batarda. Em 2012, coencenou com Marco Martins o espetáculo multidisciplinar *Estaleiros ENVC 2012*. Do seu percurso no Cinema destacam-se filmes de Marco Martins, José Álvaro de Moraes, Christophe Honoré, Paolo Marinou-Blanco, João Canijo, Nicolas Wadimoff, Valeria Sarmiento, Fanny Ardant, Hugo Vieira da Silva, Cacá Diegues, Marcelo Gomes e mais recentemente *São Jorge* de Marco Martins.

Maria João Luís estreou-se em 1985 n'A BARRACA. Trabalhou na Casa da Comédia, Acarte, Malaposta, Comuna, Cornucópia, TNDMII, Teatro do Bairro, TNSJ. Dirige o Teatro da Terra, sediado em Ponte de Sor. Interpretou várias peças na televisão, assim como séries e novelas. No cinema, trabalhou com Fernando Matos Silva, Teresa Vilaverde, João Botelho, Luís Filipe Rocha, Patrícia Sequeira. Nos Artistas Unidos participou em *Stabat Mater* de Antonio Tarantino (2006), *Hedda* de José Maria Vieira Mendes (2010) e *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams (2015).

Isabel Muñoz Cardoso trabalhou com Luís Varela, José Peixoto, José Carlos Faria, José Mora Ramos, Diogo Dória, Jean Jourdheuil, Solveig Nordlund. Formou o Teatro do Tejo em 1989. Nos Artistas Unidos participou em inúmeros espetáculos a partir de António, *Um Rapaz de Lisboa* de Jorge Silva Melo (1995) tendo interpretado textos de Gerardjan Rijnders, Samuel Beckett, Jon Fosse, Harold Pinter, Antonio Onetti, Sarah Kane, Bertolt Brech, Arne Sieren, Jean-Luc Lagarce, Irmãos Presnyakov. Recentemente participou em *Gata em Telhado de Zinco Quente* (2014), *Doce Pássaro da Juventude* (2015), *Jardim Zoológico de Vidro* de Tennessee Williams e *O Novo Dancing Eléctrico* de Enda Walsh (2016).

Joana Bárcia tem o curso do IFICT, frequentou a ESTC. Trabalhou no teatro com Ávila Costa, Sandra Faleiro, Pedro Carraca/Rui Guilherme Lopes, António Simão, Fura Del Baus. No cinema, participou em filmes de Jorge Paixão da Costa, Jorge Silva Melo, Paulo Rocha, Edgar Feldman, Luis Filipe Costa. Foi bolseira da Gulbenkian em Nova Iorque tendo frequentado a escola de Lee Strasberg. Nos Artistas Unidos, trabalhou regularmente entre 1995 e 2005.

Pedro Carraca trabalhou com António Feio, Fernando Gomes, Aldona Skiba-Lickel, Clara Andermatt, Luís Miguel Cintra, João Brites, Raul Atalaia, Fernanda Lapa, Almeno Gonçalves, Adriano Luz, Castro Guedes, Diogo Dória, Jorge Listopad, José Mora Ramos, Maria do Céu Guerra. Integra os Artistas Unidos desde 1996. Recentemente participou em *Frágil* de David Greig, *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams, *Jogadores* de Pau Miró (2015) e *O Novo Dancing Eléctrico* de Enda Walsh (2016).

Tiago Matias trabalhou com João de Mello Alvim, Nuno Correia Pinto, Antonino Solmer, Jorge Listopad, Carlos Pimenta, Pedro Penim, Luís Miguel Cintra e Christine Laurent. Tem participado em séries de televisão, dobragens e locuções. Nos Artistas Unidos participou recentemente em *Gata em Telhado de Zinco Quente* (2014) e *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams (2015).

João Meireles trabalhou com Luís Varela, Manuel Borrvalho, Ávila Costa, Adolfo Gutkin, Aldona Skiba-Lickel, António Pires, o Pogo Teatro e o Teatro Bruto. Integra os Artistas Unidos desde 1995. Recentemente, participou em *Gata em Telhado de Zinco Quente* de Tennessee Williams (2014), *As Histórias do Senhor Keuner* de Bertolt Brecht (2015) e *Jogadores* de Pau Miró (2016).

Vânia Rodrigues trabalhou com André Uerba, Miguel Moreira, Mónica Calle, João Mota, João Abel, Há Que dizê-lo, Latoaria, Tiago Vieira, Pedro Palma, Raul Ruiz. Nos Artistas Unidos participou recentemente em *A Batalha de Não Sei Quê* de Ricardo Neves-Neves, *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams (2015), *Jardim Zoológico de Vidro* de Tennessee Williams e *O Rio* de Jez Butterworth (2016).

Ana Amaral é diplomada pela ESTC no curso de atores. Trabalhou com Claudio Hochman, Jorge Fraga, Vítor Correia, Tiago Vieira, Rafael Moraes e Luís Miguel Cintra. Recentemente colaborou com o Teatro de Montemuro e Os Possessos. Nos Artistas Unidos participou em *Punk Rock* de Simon Stephens.

Pedro Gabriel Marques frequentou a ACT. Nos Artistas Unidos participou em *O Rapaz da Última Fila* de Juan Mayorga (2012), *Punk Rock* de Simon Stephens (2014) e *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams (2015). Trabalhou também com John Romão e, no cinema, com Sérgio Tréfaut.

Catarina Wallenstein trabalhou com José Nascimento, Gael Morel, Manoel de Oliveira, João Botelho, Artur Araújo, Rúben Alves. Nos Artistas Unidos participou em *Não se Brinca com o Amor* de Musset (2011-12), *A Estalajadeira*, de Carlo Goldoni (2013), *Gata em Telhado de Zinco Quente* de Tennessee Williams (2014) e *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams (2015). Trabalhou igualmente no Teatro do Bairro e no Teatro da Terra.

Américo Silva trabalhou com Ávila Costa, José Peixoto, João Lagarto, Carlos Avilez, Rui Mendes, Diogo Dória, Depois da Uma... teatro?, Francisco Salgado, Manuel Wiborg e no cinema com Jorge Silva Melo, Alberto Seixas Santos, Miguel Gomes, Manuel Mozos e Sérgio Tréfaut. Colabora com os Artistas Unidos desde 1996, tendo participado recentemente em *Gata em Telhado de Zinco Quente* de Tennessee Williams (2014), *A Batalha de Não Sei Quê* de Ricardo Neves-Neves, *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams, *Jogadores* de Pau Miró e *O Tempo* de Lluïsa Cunillé (2015).

João Delgado formou-se no Chapitô. Participou em várias animações circenses. Colabora com os Artistas Unidos desde 2006. Recentemente, participou em *A Estalajadeira de Goldoni*, *Campeão do Mundo Ocidental* de Synge (2013) e *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams (2015).

Bruno Xavier frequentou a ACT Estreou-se no Teatro da Confluência (Cascais). Trabalhou em várias produções de Filipe La Féria., Paulo Matos, Ricardo Carriço, Ricardo Neves-Neves, Carlos Thiré. Em 2015 viveu em São Paulo, Brasil, onde estudou na SP – Escola de Teatro e na Oficina Oswald de Andrade.

Rita Lopes Alves trabalha com Jorge Silva Melo desde 1987. Assinou o guarda-roupa de vários filmes de Pedro Costa, Joaquim Sapinho, João Botelho, Margarida Gil, Luís Filipe Costa, Cunha Teles, Alberto Seixas Santos, Pedro Caldas, Teresa Vilaverde, Carmen Castelo Branco, José Farinha, Teresa Garcia, Fernando Matos Silva e António Escudeiro. É, desde 1995, a responsável, nos Artistas Unidos, pela cenografia e figurinos.

Pedro Domingos trabalha com Jorge Silva Melo desde 1994, tendo assinado a luz de quase todos os espetáculos dos Artistas Unidos. Trabalha regularmente com o Teatro dos Aloés. É membro fundador da Ilusom e do Teatro da Terra, sediado em Ponte de Sor, que dirige com a atriz Maria João Luís.

João Cachulo começou a trabalhar como técnico de montagem com os Artistas Unidos ainda no edifício A CAPITAL, tendo depois participado como desenhador de luz e coordenador técnico em várias produções de O BANDO, Sandra Barata Belo e mais recentemente no Teatro do Vestido.

André Pires é membro fundador da Locomotivo, do grupo de teatro-circo Plot e do Pé Antemão. Foi baterista dos R.E.F., fez a direção musical de *Parece que o Tempo Voa* e a música de *Sons de Fogo* do grupo Tratamento Completo, de que foi percussionista. Trabalhou com Manuel Wiborg, Miguel Hurst, Rissério Salgado, Solveig Nordlund, João Meireles, João Fiadeiro. Trabalha com os Artistas Unidos desde 2001.

Nuno Gonçalo Rodrigues é diplomado pela ESTC. Em 2013, em conjunto com João Pedro Mamede e Catarina Rôlo Salgueiro, funda OS POSSESSOS com que cria *Rapsódia Batman* (2014) e *II – A Mentira* (2015). Nos Artistas Unidos trabalha regularmente desde 2013 participou em *O Regresso a Casa* de Harold Pinter (2014), *Doce Pássaro da Juventude* de Tennessee Williams (2015) e *Nesta Hora Primeira* (Assembleia da República – 2016).

Bernardo Alves é licenciado em Artes do Espetáculo pela Faculdade de Letras de Lisboa. Estagiou nos Artistas Unidos. Recentemente colaborou com a Ukbar Filmes.

Jorge Silva Melo fundou em 1995 os Artistas Unidos de que é diretor artístico.



21 jan
CICLO TENNESSEE
WILLIAMS
JORGE SILVA MELO
CONVERSA COM O PÚBLICO

Sábado, 18h30
 Jardim de Inverno
 Entrada livre (sujeita à lotação da sala)

Há três anos a frequentar os textos de Tennessee Williams. Tantas surpresas. Tão diferentes dos belíssimos filmes que geraram. Quatro produções, muitas cidades visitadas. Livros. Porque voltámos a Tennessee Williams? O que é feito da sua febre? Jorge Silva Melo

NO SÃO LUIZ POSSO...

Comprar um bilhete suspenso Começa por ser uma forma de oferecer a alguém a oportunidade de assistir a um espetáculo no Teatro São Luiz. O bilhete custa 7 euros e fica suspenso na bilheteira para usufruto de pessoas apoiadas pelas entidades às quais o São Luiz se associa: Albergues Nocturnos de Lisboa, Associação Coração Amarelo, Associação Gulliver, Associação SOL, Lar Jorbalán, Fundação Luís António de Oliveira, Casa de Abrigo da APAV ou CMPL - Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa.

São Luiz Teatro Municipal – **Direção Artística** Aida Tavares **Direção executiva** Joaquim René **Programação Mais Novos** Susana Duarte **Adjunta direção executiva** Margarida Pacheco **Secretária de direção** Olga Santos **Direção de produção** Tiza Gonçalves (Diretora), Susana Duarte (Adjunta), Andreia Luís, Margarida Sousa Dias **Direção técnica** Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto) **Iluminação** Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim **Maquinistas** António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira **Som** João Caldeira, Nuno Saias, Ricardo Fernandes, Rui Lopes **Responsável de manutenção e segurança** Ricardo Joaquim **Secretariado técnico** Sónia Rosa **Direção de cena** José Calixto, Maria Távora, Marta Pedroso, Ana Cristina Lucas (Assistente) **Direção de comunicação** Ana Pereira (Diretora), Elsa Barão, Nuno Santos **Relação com os públicos** Inês Almeida **Design gráfico** SilvaDesigners **Registo e edição vídeo** Tiago Fernandes **Bilheteira** Ana Ferreira, Cristina Santos, Soraia Amarelinho **Frente de casa** Letras & Partituras **Coordenação** Ana Luísa Andrade, Teresa Magalhães, Cristiano Varela **Assistentes de sala** Ana Sofia Martins, Catarina Ribeiro, Carolina Serrão, Cláudia Moita, Beatriz Cuba, Daniela Magalhães, Gonçalo Cruz, João Cunha, Manuela Andrade, Raquel Pratas, Ricardo Resende, Rita Resende, Sara Fernandes **Segurança** Securitas **Limpeza** Astrolimpa